

UNIDADE CENTRAL DE EDUCAÇÃO FAEM FACULDADE
FACULDADE EMPRESARIAL DE CHAPECÓ – FAEM
UCEFF FACULDADES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO

ADRIANA BRUXEL

**MODA E CRIATIVIDADE: FUNDAMENTOS DE UMA NOVA COLEÇÃO PARA O
UNIFORME ESCOLAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA**

CHAPECÓ, 2012.

UNIDADE CENTRAL DE EDUCAÇÃO FAEM FACULDADE
FACULDADE EMPRESARIAL DE CHAPECÓ – FAEM
UCEFF FACULDADES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO

**MODA E CRIATIVIDADE: FUNDAMENTOS DE UMA NOVA COLEÇÃO PARA O
UNIFORME ESCOLAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-
graduação para obtenção do título em
Educação da Uceff Faculdades.

Professor Orientador: Ms. Alexandra Tagata
Zatti

CHAPECÓ – OUTUBRO/2012.

**MODA E CRIATIVIDADE: FUNDAMENTOS DE UMA NOVA COLEÇÃO PARA O
UNIFORME ESCOLAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA**

ADRIANA BRUXEL

Este trabalho de conclusão foi julgado adequado para a obtenção do título de especialista em Educação, e aprovado pelo curso de Pós Graduação do Centro de Ensino Superior de Chapecó.

Professora Ms.: Alexandra Tagata Zatti
Orientadora

Apresentado à Comissão Examinadora integrada pelos professores (as):

Professor (a)
Presidente da comissão

Professor (a)
Orientador (a) e Membro da Comissão

Professor (a)
Membro da Comissão

Chapecó (SC), Outubro, 2012.

RESUMO

O presente estudo faz uma abordagem sobre a importância do uniforme escolar como aliado no e para o desenvolvimento da criatividade enquanto dimensão fundamental ao amplo desenvolvimento do ser humano, contextualizando a importância e o valor que assumem em alguns discursos correntes da sociedade contemporânea. A estes discursos, que são pontuados, é estabelecida a crítica que conduz inversamente a interpretação para uma concepção mais abrangente da uniformização escolar quanto componente criativo; relacionada ao próprio fazer e pensar, enquanto característica essencial do ser humano.

PALAVRAS-CHAVE: Moda; Uniforme; Escola, Criatividade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2.1 CONTEXTO HISTÓRICO	9
2.2 UNIFORME NOS DIAS ATUAIS: TECELAGEM, MODELAGEM, CRIAÇÃO	15
2.3 RELAÇÃO IMAGEM E SINGULARIDADE DO UNIFORME NO COTIDIANO ESCOLAR.....	16
3 UNIFORME COMO PROPOSTA DE APROXIMAÇÃO SEGUINDO A MODA E ARTE	20
3.1 CORES E TENDÊNCIAS, SUA PSICOLOGIA NA UNIFORMIZAÇÃO ESCOLAR.....	26
4 PROCESSO CRIATIVO DO UNIFORME.....	29
4.1 PÚBLICO ALVO.....	29
4.2 INSPIRAÇÃO.....	30
4.3 PROCESSO PRODUTIVO DO UNIFORME.....	31
5 METODOLOGIA	34
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36

1 INTRODUÇÃO

“Alguns homens vêem as coisas como elas são e perguntam: Por quê?”
Eu sonho com as coisas que nunca foram e pergunto: Por quê não?”
Bernard Shaw, Dramaturgo (1865- 1950)

O presente trabalho consiste em buscar, e posteriormente estabelecer hipóteses se forem procedentes - fundamentos para a implantação de um uniforme escolar mais próximo da vestimenta cotidiana e da criatividade do aluno. A moda será aqui utilizada como meio de aproximar o aluno daquele ambiente almejado por estudiosos da educação, isto é, mais próximo das formas de ser e aprender, da existência concreta. A moda terá uma dupla função: criar ou desenvolver uma nova modelagem, demarcando também algum espaço de atuação que transcende a unidade e abra espaço para a individualidade.

Entendemos que a partir desse uniforme os alunos possam ter um melhor desenvolvimento escolar, já que (supostamente) terão o sentimento de artífices da própria imagem, percepção que sem dúvidas ajudará a compreender melhor o ambiente escolar como lugar de formação da singularidade no dialético com o coletivo.

Propõe-se uma nova possibilidade como meio de re-significar o conceito histórico do uniforme escolar, em consonância com os novos desafios da educação. Falamos em re-significação, porque a transição paradigmática pela qual passa a educação, antes de fazê-la perder sentido, consiste em construir o seu real sentido na sociedade.

Partimos do princípio de que atravessamos uma mudança de época, e não apenas uma época de mudanças. A crise em vários segmentos da sociedade, não apenas na educação, demanda de nosso tempo algo a mais do que simplesmente a assimilação dos principais acontecimentos e conhecimentos da história da humanidade, mas busca recuperar a capacidade humana que fora excluída em vários sistemas políticos durante a história.

Para incluir as potencialidades faz-se necessário, entretanto, aproximar os espaços à interação dos indivíduos, o que naturalmente requer uma revisão de conceitos

sobre o homem e a realidade em geral. Por isto é que as discussões acerca da escola propõe a resignificação acerca do que seja o conhecimento humano: como ele acontece, a partir de que, qual o seu sentido, para que ele existe, etc. Assim, ampliam-se as possibilidades dentro do espaço escolar.

▲ DEMONSTRAR O QUANTO A UNIFORMIZAÇÃO PODE DESMOTIVAR O APRENDIZADO;

E é nesse sentido que colocamos como objetivo específico deste trabalho a resignificação do uniforme, isto é, como algo que existe para incluir, motivar e potencializar os indivíduos, ao invés de neutralizá-los. Sim, porque o uniforme tem notoriamente acompanhado e representado o conservadorismo ideológico da escola, que não permite a interferência subjetiva dos indivíduos no processo de ensino-aprendizagem.

▲ ENTRE CONSTRANGER E DEMARCAR, O SENTIDO DA UNIFORMIZAÇÃO COMO MARCA IDENTITÁRIA DA ESCOLA.

Frequentemente ouvimos falar em alunos e professores desmotivados, sem encanto pela vida. Toda cultura reserva a sua influência marcante na vida do indivíduo, e existem práticas que desenvolvem mais a criatividade ou a capacidade de criação, outras menos. Todas as que dão maior liberdade e responsabilidade ao indivíduo sobre suas ideias e suas contribuições ao meio natural e social, estimulam a potencialidade. Naturalmente, as que não dão esta liberdade inibem o potencial criativo.

Evidentemente, se o aluno for tratado como indivíduo e como ser único, a sociedade é meritocrática, a uniformização inexistente. Por outro lado, é preciso pensar: qual a real função do uniforme escolar na escola brasileira do século XXI?

Entretanto, a principal questão é mesmo saber, efetivamente, até que ponto, as peças do vestuário, usadas para “igualar” as crianças entre si e perante o professor, respeitam as diferenças individuais ou atrapalham a aprendizagem dos alunos e, porque não, dos professores? Trabalhar estas possibilidades é uma das propostas do estudo em

aproximar aluno e escola, integrando bem-estar e aprendizado, através dos estudos bibliográficos e de pesquisas em que autores retratam a história dos uniformes.

No contexto histórico a moda sempre esteve a serviço da elitização. Hoje ela separa grupos que se atraem por estilo. Podemos observar a evolução da humanidade por meio da indumentária, ainda que considerada menos importante diante ou no papel da educação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO

A crise da educação escolar se reflete, em diversos campos do conhecimento, no distanciamento que estabeleceu para com as realidades concretas e seus problemas reais. Tal crise caracteriza-se numa transição paradigmática, onde a escola deixa de ser vista como o “espaço de um saber já pronto”, para se constituir num espaço de relação de saberes e construção da responsabilidade social

Como em crises desse gênero as reflexões devem se caracterizar a partir dos nossos interesses, já que não somos espectadores do mundo e sim construtores, permitimo-nos nos aventurar nessa tarefa de relacionar a moda ao uniforme escolar, como mecanismo impulsionador de uma nova característica da educação. A moda como modelo norteador da vestimenta cotidiana, e a ideia de uniformização para manter ainda a unidade escolar, senão como o melhor espaço, ao menos como espaço onde o saber seja trabalhado e as pessoas mais comprometidas com os problemas do mundo.

Talvez o problema da vestimenta não seja tão ou mais urgente do que outros. Nem é nossa intenção fazer com que seja. E sim, o nosso propósito é refletir esse aspecto para que, juntamente com outras reflexões, possamos contribuir no sentido de uma educação mais próxima das realidades dos homens – dos seus interesses, seus gostos, suas vontades, suas indignações e seus sonhos. Como afirma Eunice Soriano de Alencar, “não basta ensinar o que é conhecido, é também necessário preparar o aluno para questionar, refletir, mudar e criar” (ALENCAR, 2009, p. 13).

A prática do uso de uniformes possui sua origem no exército. Foi a primeira instituição a adotar uma vestimenta padronizada para todos da corporação. Logo, a ideia de uniformização passa a ser adotado por estudantes da escola normal, responsável pela formação de professores, mais precisamente na década de 80. Já as escolas tradicionais passaram a adotá-lo somente na década de 20, enquanto as outras apenas na década de 30.

A criação dos uniformes se deu para que houvesse identificação possibilidade de vigilância. Sendo assim, os mesmos contemplariam as cores, o nome, a tradição e o

símbolo da escola. Os alunos uniformizados seriam e teriam que representar e zelar pela imagem da instituição com comportamento exemplar, mostrando o respaldo da mesma. Entre as décadas de 40 e 70, o uniforme se tornou sinônimo de status e aceitação social voltando para elas o desejo de pais e alunos.

Na década de 90 instituições privadas trazem uma nova modelagem para seus uniformes, visando mais conforto e estilo no seu conceito. Entretanto, a lógica militarista faz referencia à criação de calças curtas, independentemente do clima, o que é citado por Silva:

Ainda hoje, muitos uniformes escolares são de calças curtas, nos dias escuros e frios de inverno, os pátios das escolas primárias são assinalados por joelhos vermelhos, esfolados, com calombos e cicatrizes, que brilham dolorosamente entre *shorts* cinza ou azul marinho e as compridas meias cinzentas. O bom senso sugeriria que fossem cobertos,mas o bom senso não conta muito na história do vestuário. Além disso, historicamente, os joelhos nus sempre sugeriram virilidade: são associados aos uniformes de guerra dos antigos britânicos, os saiotos escoceses modernos, aos exploradores construtores do império e aos heroicos jogadores de futebol. Cobri-los seria sinal de enfraquecimento nacional (LURIE apud SILVA, p. 59,2006)

Atentemos, porém, para o uniforme escolar não apenas como modo de padronização e identificação, mas sim como parte cultural e educacional da instituição escolar. A moda e suas tendências, não podem ser separadas da realidade escolar, como se fossem dois mundos paralelos. Mas não é nossa intenção transformar as salas de aula em desfiles de moda, e sim, buscar aproximar a realidade social da realidade escolar.

Ao se apoiarem nas necessidades práticas da vida social, os adultos reforçam as instituições, fortalecem as normas e por meio delas materializam um sistema de condutas que, tanto na vida privada quanto na vida pública, sustentam realidades decorrentes de causas históricas, religiosas, de organização da vida pública e outros. Essa argumentação sugere que na escola não há muito o que criar e sim reproduzir (SOUSA E DURAND, 2002, p. 167).

A escola, desde os seus primórdios até a atualidade vem tratando o aluno como um reprodutor da ideologia dominante. Da mesma forma, o uniforme escolar vem sendo meramente reproduzido, e sua significação estando à margem das atenções. Obvio é que a falta de uma reflexão mais profunda acerca do uniforme pode ser entendida como uma forma de camuflar a ideologia reprodutora da escola. Afinal, como poderia ter ela um

caráter de reprodução cultural no uniforme, se a escola estivesse voltando suas práticas para a transformação?

Apenas os alunos mais carentes ou de poucas condições acabam aderindo e usando os uniformes oferecidos pelo governo. Analisemos ainda do ponto de vista de Designer de Moda, que com o mesmo valor aplicado, poderíamos em conjunto criar um modelo diferente, sem fugir das reais intenções para o qual foi criado. Esta nova criação poderia partir do princípio artístico, filosófico, histórico, científico e social em que os alunos e a escola estão inseridos, seguindo a mesma lógica das capas dos cadernos. Isso não significaria permitir o despudor nas escolas, mas permitir que os alunos apreciassem este momento impar na vida do ser humano. Snyders complementa dizendo:

Eu gostaria de uma escola onde as crianças não tivessem que saltar as alegrias da infância, apressando-se, em fatos e pensamentos, rumo à idade adulta, mas onde pudessem apreciar, em suas especificidades, os diferentes momentos de suas idades (SNYDERS, 1993, p. 29).

Ocorre à supervalorização de uma estrutura, em vários sentidos do ambiente escolar, que impede e nessa medida oprime a capacidade criativa do aluno, uma vez que o mesmo não se sente participante e construtor do sentido daquele espaço de aprendizagem. Tanto no que se refere à estrutura material da organização, quanto na visão divulgada dos conhecimentos que a escola se encarrega de trabalhar, e ainda na metodologia hierárquica com que este conhecimento é figurado.

A escola transmite, assim, a ideia de estar distante e acima do aluno, ao invés de próxima e dialogante. Aniquila o caráter transformador e fomenta um caráter reprodutor. Como afirma Gramsci, “a escola criadora não significa escola de inventores e descobridores; ela indica uma fase e um método de investigação e de conhecimento, e não um 'programa' pré-determinado que obrigue à inovação e à originalidade a todo custo” (GRAMSCI, 1988, p. 124).

Deste modo teremos alunos que se sintam livres para criar, para se reinventar conatantemente, sem pré-determinismo, mas com a exteriorização do seu eu que contempla sua liberdade. Não optemos pela massificação, mais pela realização de estar e ser parte do ambiente escolar. Isso não se restringe apenas aos alunos mas também a

classe de professores, que vem passando pelas mesmas questões de identidade, no caso dos seus objetivos profissionais.

Assim, uma das consequências mais caras à educação está nos efeitos que o determinismo epistemológico causa naqueles que escolhem a profissão de professores e que, nessa medida, escolhem a missão de serem protagonistas da transformação social, que é o embrutecimento da perspectiva criacionista que deve incorporar o professor. Ao contrário, a escola deve:

(...) Estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada. Estar em formação implica em um desenvolvimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade pessoal. (ALENCAR, 2009, p. 66).

Enquanto que o objetivo da escola é desenvolver e acolher indivíduos a um ambiente próprio para a criatividade, a liberdade e a responsabilidade, ela acaba por fazer o oposto, isto é, cristalizar a ideia de uma realidade determinada por condições externas ao sujeito. Pois, como nos disse Paulo Freire, parafraseando Karl Marx, “a história é tempo de possibilidade e não de determinismo” (FREIRE, 1997, p. 21). Determinista, a escola cria o sentimento de que a realidade só pode ser conhecida a partir de padrões criados por especialistas. O sentimento de dependência externa para a interferência e o conhecimento da realidade cria, assim, um efeito exatamente contrário àquele a que a escola se propõe. De acordo com Frigotto, “a concepção de escola que é pública, laica, universal, gratuita, centrada no direito de cada ser humano, deve ser (...) formadora de sujeitos autônomos e protagonistas da emancipação humana”(FRIGOTTO, 2006, p.26) .

A estrutura ideológica da escola pautada no determinismo acaba por deformar também a incumbência problemática do professor, ao colocá-lo na condição de dominante do conhecimento. Cria-se a falsa ideia de que o professor deve dominar o conhecimento acima de tudo e de todos, o que resulta na necessidade de conceber a priori o aluno numa condição de incapacidade. Assim, o aluno não tem credibilidade mediante o professor. Ele é visto como inapto à assimilação autêntica, isento da capacidade criadora. Ele pouco é tido como agente atuante e participativo do seu

processo de formação. A formação ocorre de fora para dentro, por aniquilação da individualidade em nome de um suposto padrão verdadeiro e universal. Eunice fundamenta a consequência desse sistema na visão dos professores:

De modo geral, os professores têm baixas expectativas e pouca confiança na capacidade do aluno de ser responsável, independente e criativo, sendo ainda céptico com relação à imensa capacidade da criança para propor novas ideias, sugerir novos caminhos e novas soluções. Estas baixas expectativas tendem a se transformar em profecias autorrealizadoras, comportando-se os alunos de acordo com elas (ALENCAR, 2009, p. 73).

No mesmo âmbito de exterioridade da educação e do aprendizado com relação à subjetividade do grupo escolar, situa-se o uniforme, que não foi criado simplesmente para unificar a massa de individualidades, mas para inculcar-lhes a falsa ideia de uma realidade cujas regras independem de sua ação subjetiva. Excluindo o modo particular de vestimenta, o ambiente forma mesmo que inconscientemente uma necessidade de adaptação, ao invés de participação. Paiva acerca disso comenta que:

A complexidade do mundo contemporâneo exige um aprender contínuo, por toda a vida ante os avanços do conhecimento e a permanente criação de códigos, linguagens, símbolos e de sua recriação diária. Exige não só o domínio do código, da leitura e da escrita, mas exige também competência como leitor e escritor de seu próprio texto, de sua história, de sua passagem pelo mundo. Ao mesmo tempo, exige reinventar os modos de sobreviver, transformação o mundo, quando tão poucos vivem, e os que vivem põe à margem os considerados descartáveis, porque desprovidos de bens que até ontem o trabalho assegurava, porque constituía valor (PAIVA, 2002, p. 39).

Por isto, primamos pela contextualização do ensino a partir do princípio da participação na criação do próprio uniforme, já que este carrega em si uma significação que o transcende, isto é, que simboliza determinada organização, determinada instituição ou grupo. Queremos um uniforme que signifique uma escola voltada à transformação e à libertação de sujeitos para criação de suas realidades. Lonza (2005), diz que “os uniformes do século XXI priorizam o conforto e a praticidade de uma estética jovem e bonita”. Ainda para Lonza:

Apesar dessa preocupação, os jovens contestam os atuais uniformes e buscam alternativas para deixá-los mais de acordo com as suas expectativas. As meninas, por exemplo, usam camisetas muitos números menores para ficar com o umbigo à mostra, como manda a moda e o colégio não permite. O que elas fazem? Na hora da entrada, quando são examinadas, fecham o blusão para que a vista do umbigo não seja flagrada. As coordenadoras e monitoras riem, é claro, lembrando-se do tempo em que enrolavam a saia do colégio na cintura para estar com as pernas à mostra, como exigia a moda dos anos sessenta e setenta (2005, p. 219).

Queremos um uniforme que seja originado pela própria escola, e não copiado de instituições reprodutoras de sistemas, uma vez que a “escola não é uma empresa e que o processo educativo não é um processo de produção de mercadorias” (SANTA CATARINA, 1998, p. 111). Conhecimento é, antes de tudo, criação carregada de relações intersubjetivas, e não produtos de consumo em massa. Queremos, portanto, um uniforme que explicita a característica criadora e transformadora da escola. Nesse sentido, a resignificação do uniforme condiz com a resignificação da própria escola. Como afirma Sousa e Durand,

“ (...) a escola está sob suspeita, na medida em que o ensino está referenciado num modelo em crise, ou seja, naquele que resulta de uma cronologia social, cujo ciclo está nas injunções de um mundo fundamentalmente novo num ordenamento cultural, configurativo, no qual o aprendizado comum é realizado pelos diferentes grupos etários e não apenas pela escola e a família (SOUSA E DURAND, 2002, p. 165).

Assim, entendemos que a escola necessita de uma série de renovações. Precisamos estar abertos ao conhecimento e vê-lo também de forma aberta, como algo que clama pela nossa interpretação e nossa compreensão. A multiplicidade de conhecimentos que existem e as formas cada vez mais diversas com que eles são construídos, antes de significar um obstáculo para a redefinição da escola, nos convidam à criação de um sentido, a partir do sentimento de artífices da escola. Foi-se o tempo em que se procurava no universo uma ordem pré-existente das coisas, independentemente de nossos interesses. Agora, ao contrário, é hora do interesse despertar e da imaginação e a criatividade aflorar como o motor do conhecimento.

2.2 UNIFORME NOS DIAS ATUAIS: TECELAGEM, MODELAGEM, CRIAÇÃO

Atualmente o uniforme escolar atende as mesmas funções da época de sua criação, com algumas pequenas mudanças, deixando para traz o status de representar uma escola e tornando-se apenas método de identificação e padronização dos alunos. Nas escolas estaduais o uniforme escolar é cedido pelo governo de Santa Catarina e as escolas disponibilizam os uniformes com o brasão escolar para que os alunos interessados possam adquiri-lo.

Para Pedrosa “se o empregado se sente bem no trabalho, produz melhor. E isso tem ligação direta com a roupa que ele usa, se vestir algo que o incomoda, não irá trabalhar feliz” (PEDROSA apud ZENGA, 2004, p. 23). Ora, o mesmo deve acontecer nas escolas. Mas a modelagem segue ainda os mesmos padrões do seu surgimento, em síntese camiseta, bermuda e abrigo. Algumas escolas possuem seu próprio uniforme e variam alguns itens de modelagem, como é o exemplo da saia-bermuda, mas não passa longe disso. A modelagem dos uniformes vem se arrastando a séculos e nada mais natural do que a repulsão dos jovens a ele. Na concepção de Lida (1990) “os produtos são como seres vivos, passam por diferentes fases na vida, nascem crescem atingem a maturidade e entram em declínio posteriormente”. Seguindo este pressuposto acreditamos que a modelagem há de ser repensada não apenas com o intuito de manter o respeito e pudor das escolas, mas pensá-lo nas questões ergonômicas, estéticas e funcionais, sem deixar de lado as reais funções do uniforme.

Os uniformes escolares estaduais, no intuito de ser práticos, são feitos com uma malha grossa e desconfortável, com pouca elasticidade, o que muitas vezes deixa a roupa esgaçada nas primeiras lavagens, porém um tecido mais leve acabaria com a peça antes do final do ano. No entanto as atividades físicas exigem tecidos mais leves e frescos, malhas apropriadas que sanassem as necessidades dos alunos. O que para Oliveira requer pensar que:

A roupa não veste um suporte vazio, o corpo. Ao contrário, sendo carregado de sentido na sua malha de orientações, este interage com as direções, formas, cores, cinetismo e materialidades da roupa e atua de variados modos nas suas configurações, tomadas de posição e movimento (2008, p. 92)

Também atentemos para a vivacidade do uniforme, uma vez que este nasce e morre a cada geração com os mesmos aspectos, modelagens e nuances. Apesar de sua relativa adaptação e, releitura em partes de cores- uniforme escolar cedido pelo governo estadual de Santa Catarina- usando as cores da bandeira catarinense. Mas há ainda que se falar da modelagem retrograda, que não acompanha se quer as tendências básicas do vestir. Assim (LIPOVETSKY, 2011) ao falar da evolução da indumentária, aceitação e rejeição pela sociedade moderna, salienta que “por sua própria problemática, a sociologia da distinção é surda aos movimentos de longa duração; ela não pode dar conta dos fios que ligam o novo ao antigo”. Assim sendo, não significa jogar fora o velho uniforme escolar, mas reformulá-lo, re-significá-lo, tornando-o dinâmico.

Sue, diz que “o tecido é para o estilista o que a tinta é para o artista: meio de expressão criativa” (JONES, 2005). Nessa linha de raciocínio para ressaltar a importância do quesito uniforme, passamos a entendê-lo como precursor no auxílio a exacerbação da criatividade do estudante. Pensemos o aluno como um tecido que a primeira vista não passa de uma superfície plana/rasa, passamos a entendê-lo como um ser complexo, com tramas de fios, urdumes que o finalizam, mas a espreita de uma padronagem, lavagem, modelagem aplicações conforme o contexto que será empregado. Pensando assim seríamos estilistas do aluno/tecido, no entanto o aluno é estilista de si mesmo, e só podemos contribuir para sua customização. Sua concepção é tão complexa que deve ~~ras~~ sua significância ser respeitada.

2.3 RELAÇÃO IMAGEM E SINGULARIDADE DO UNIFORME NO COTIDIANO ESCOLAR

Primeiramente abordemos a questão da imagem no sentido da palavra que é reflexo na água ou espelho: representação. Assim a imagem associada à singularidade não pode ser ou ter uma uniformização, mas sim reflexo do aluno e conceitos no ambiente e contexto inserido. Desta forma aprende-se com a diversidade e possibilita não a aceitação, mas a adoção do uniforme escolar aliado à imagem, mais singularidade, mais uniforme.

O uniforme, como já foi mencionado, é usado na escola como meio de padronizar os alunos, identificando-os dentro e fora da escola. No entanto ele não é bem

aceito pelos alunos que desde as series iniciais gostam de mostrar e salientar sua personalidade através da indumentária, uma vez que a moda nos acompanha desde a primeira roupinha de bebê. Jones coloca que:

Moda é uma forma especializada de ornamentação do corpo. Exploradores e viajantes foram os primeiros a documentar e comentar os ornamentos corporais e os estilos de vestir que encontravam ao redor do mundo. Alguns voltaram de suas viagens com desenhos e exemplos de vestimentas, acendendo o desejo não só pelos artefatos em si, mas também por uma compreensão deles. Posteriormente, o estudo da vestimenta foi reconhecido como parte da antropologia (2005, p. 24).

A roupa não é apenas algo com o qual cobrimos nosso corpo, mas aquilo com o qual damos forma à nossa personalidade e definimos nossa contribuição social. Por isto mesmo a intenção de retirar esta possibilidade do ser significa uma violência contra a sua personalidade, seja em que circunstância for. O exército, por exemplo, não é um lugar acolhedor de criatividade, mas reprodutor e defensor de um sistema de organização e educação social, isto é, diferente do exército:

Os processos criativos são processos construtivos globais. Envolvem a personalidade toda, o modo de a pessoa diferenciar-se dentro de si, de ordenar e relacionar-se em si e de relacionar-se com os outros. Criar é tanto estruturar quanto comunicar-se, é integrar significados e é transmiti-los. Ao criar, procuramos atingir uma realidade mais profunda do conhecimento das coisas. Ganhamos concomitantemente um sentimento de estruturação interior maior; sentimos que nos estamos desenvolvendo em algo de essencial para o nosso ser (OSTROWER, 2010, p. 143).

Para os gestores, professores e pais o uniforme faz parte da vida escolar do aluno. A obrigatoriedade do uso demonstra respeito, segurança e singularidade no ambiente escolar. No entanto, é preciso trabalhar o meio campo entre uniforme e aluno. Mais importante do que impor regras é mostrar para que fim elas existem, e nisto não há a necessidade de ser desagradável. Os alunos vêem o uniforme como inimigos de sua personalidade fora do contexto social que estão inseridos. Toda moda é vestimenta, mas evidentemente nem toda vestimenta é moda. Precisamos mais da moda do que das roupas não para cobrir nossa nudez, mas para vestir nossa auto-estima (MCDOWELL, 1995).

A fase adolescente é crucial na formação do ser. E é necessário que a escola contribua para que seja uma transição para o amadurecimento sem bloqueios. Sobre isso Solomon justifica sobre aspectos sobressalientes da adolescência dizendo que, “os adolescentes precisam adquirir independência, de modo que tentam se separar de suas famílias, por outro lado, precisam se ligar a uma estrutura de apoio como os amigos, para evitar o isolamento” (SOLOMON, 2002, p.354).

O adolescente, esta se afirmando como ser e individuo na busca de se destacar como ser individual da população geral, mas necessita estar inserido em uma formação social coletiva. Deste modo a escola precisa entender essa contradição interna do aluno e usá-la a seu favor. Se na fase adulta trabalhamos com afinidades profissionais e assim se sobressaem seres bem sucedidos, devido a prazer pelo que exercem. As instituições de ensino devem trabalhar o todo do aluno, não permitindo a libertinagem nas escolas, mas aproximando-a de seus alunos. O uniforme deveras serve para uniformizar e identificar os alunos, mas não tem o papel de uniformizar ideias e o seu ser essencial. Pelo contrário, tem o dever de estimular a diversidade que há. Para isso Ostrower salienta que, “na verdade (...) o ser humano não pode ser considerado em partes, só pode ser considerado como um todo integrado as suas partes” (2010).

O uniforme possui o mesmo estilo de sua criação, não há evolução nítida de acompanhamento da evolução social. Assim como os materiais escolares e didáticos necessitaram ser bem escolhidos para acompanhar o aluno no ano letivo, é preciso que as tecnologias auxiliem no desenvolvimento de um novo uniforme. É chegada a hora de usá-lo a favor literalmente da educação, é transformá-lo em potencial criativo.

Os produtos se encontram hoje ligados a seus próprios campos de imagem, atividades, para um determinado universo cultural. Somente um produto posicionado, e depois realizado dentro da fidelidade do propósito assim definido, permitirá uma composição pessoal e uma comunicação que possa interagir e não ser artificial e intervencionista...(VINCENT-RICARD, 1989, p. 15).

Permeando a análise sobre o uso e concepção do uniforme, Foucault observa em seu livro “Vigiar e Punir” que:

O grande livro do Homem-máquina foi escrito simultaneamente em dois registros: no aná-tomo-metafísico, cujas primeiras páginas foram escritas por Descartes e que os médicos, os filósofos continuaram; o outro, técnico-político, constituído por um conjunto de regulamentos militares, escolares, hospitalares e por processos empíricos e refletidos para controlar ou corrigir as operações do corpo (FOUCAULT, 2004, p. 117)

Os corpos, portanto, das crianças e jovens são alvo de ações determinadas pelo mundo adulto, com intuito de domesticá-los e/ou discipliná-los. E os uniformes constituem um dispositivo adequado para isso, segue dizendo que:

Nesses esquemas de docilidade, em que o século XVIII teve tanto interesse, o que há de tão novo? Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Muitas coisas, entretanto são novas nestas técnicas. A escola, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente, de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo (FOUCAULT, 2004, p. 118)

Concluindo seu discurso, como linha que permeia a análise Foucault diagnóstica em suas análise ainda que “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade - utilidade, são o que podemos chamar de 'disciplina' (FOUCAULT, 2004, p. 120). Partindo assim do pressuposto que em essência, não nos permitimos a pureza infantil de contemplação, emoção, e passamos a nomear, conceituar, reagir e relacionar para disciplinação.

3 UNIFORME COMO PROPOSTA DE APROXIMAÇÃO SEGUINDO A MODA E ARTE

Moda não é algo que existe apenas nas roupas.
A moda esta no céu, na rua; a moda tem haver com ideias,
com a maneira como vivemos, com o que está acontecendo. *Coco Chanel*

Primeiramente é preciso entender que nosso objetivo não é discutir se arte é moda ou vice-versa, mas trabalhar a moda a serviço da educação. Muito já foi discutido acerca do uniforme escolar, mas em momento algum atribuiu-se a ele a devida importância. Uma vez que para Freyre moda é:

(...) hábito ou estilo geralmente aceito, variável no tempo e resultado de determinado gosto, ideia ou “capricho” do sentido básico que lhe atribui Aurélio “uso passageiro” - segundo o mesmo Aurélio - “que regula a forma de vestir, calçar, pentear etc.” E “..arte e técnica do vestuário”. Uso passageiro – acrescenta-se, entretanto, a Aurélio – como sugeridos por expressões como “ a cor roxa esta na moda”, “tal perfume é o da moda” (...) (FREYRE, 1986, p. 96).

Assim como qualquer vestimenta acompanha a evolução industrial/humana, significa estar inserido na evolução da humanidade. O uniforme ainda que indiretamente esta ligado ao universo da moda. Mas não atentemos para o uniforme como objeto de moda. E sim como aliado do indivíduo em formação.

A estilização bem como a modelagem deste novo projeto de uniforme escolar, focaria a cargo de um profissional, enquanto os alunos poderiam criar, e assim estimularíamos seu potencial criador, através de uma temática proposta para o decorrente ano. Proposta esta que poderá usar das disciplinas aplicadas na escola, como por exemplo, das aulas de artes, usando obras ou frases de artistas como motivos da estamparia de seus uniformes, motivos estes que não substituiriam o brasão do estado, mas sim viriam a agregar como simbolo de cultura e conhecimento.

Assim propomos a criação de um uniforme que estimularia o desejo dos alunos, o respeito de sua singularidade, de sua fase de vida e, seu eu, não sua repulsão, e ai sim, o uniforme passaria a representar verdadeiramente um estado democrático e livre, a atingir um dos seus principais objetivos que é o sentimento dos alunos de pertencimento

à sociedade, o que é fundamental para o desenvolvimento psicossocial da criança e do adolescente.

O uniforme pode assumir, assim, o papel de coadjuvante da estimulação da criatividade no ambiente escolar, que aliás é um dos maiores, senão o maior problema da educação, na medida em que a ideologia escolar historicamente busca a massificação, anulando individualidades. Como afirma Eunice:

Não se pode negar também que o espaço reservado para a fantasia, para a imaginação, para o jogo de ideias é muito restrito. Até mesmo no jardim de infância, que deveria ser um local sobretudo propício ao cultivo da fantasia, isto não vem ocorrendo e, cada vez mais cedo, muitas crianças vem sendo “forçadas” a aprender conteúdos tradicionalmente trabalhados no decorrer do primeiro grau (...). Observa-se que o conhecido “dever de casa” já vem fazendo parte da rotina desde o primeiro ano do jardim-de-infância, quando a criança tem apenas quatro anos. Isso contribui para a formação desequilibrada, desenvolvendo a criança apenas uma parcela muito reduzida de suas habilidades cognitivas, ao mesmo tempo em que se inibem e definham outras habilidades (ALENCAR, 2009, p. 10).

Nosso tempo reserva ainda outra característica que lhe é fundamental, a saber, a necessidade de uma filosofia ousada na impulsão da capacidade criativa, especialmente a escola que se encarrega de educar. Como afirma Rogers,

Eu insisto em que há uma necessidade social desesperada de comportamento criativo por parte dos indivíduos... Em um tempo em que o conhecimento, construtivo e destrutivo está avançando de forma acelerada em direção à uma era atômica fantástica, uma adaptação genuinamente criativa parece se apresentar como a única possibilidade de manter-se à altura das mudanças caleidoscópicas de seu mundo (ROGERS apud ALENCAR, 2009, p. 14).

Rogers coloca, assim, nosso tempo como uma aposta na imaginação e na criatividade, mais do que na capacidade de representar o mundo em verdade. Também é conhecida a ideia de Einstein de que em tempos de crise, só a imaginação é mais importante do que o conhecimento. No mesmo sentido em que filósofo Jaques Ranciere, no seu célebre “O mestre ignorante”, diz que uma ação que não emancipa, embrutece. Assim, receber, por exemplo, os alunos colocando-lhes um uniforme tradicional, significa antes de tudo que eles estejam numa escola tradicional. Assim, por exemplo, de acordo com Eunice,

É no espírito da escola tradicional que se aprende que a habilidade para a pintura, para o canto, para as artes, constitui um privilégio de poucos, conscientizando-se a grande maioria dos alunos de que não são capazes, de que não tem jeito. O que se constata é que, em função da educação que se recebe, muitos se tornam tão impregnados de atitudes não-positivas com referência às suas habilidades e potencial, que não se dão nem mesmo uma oportunidade para aprender ou experimentar o poder de sua capacidade (ALENCAR, 2009, p. 11).

Nesse sentido não se tem pensado o uniforme escolar como aliado das aulas, da escola da instituição de ensino a qual faz parte. Sim, por que assim como o exercito, fundador e grande mentor do uniforme, possui diversos uniformes de acordo com cada campo de batalha- existe a farda verde camuflado para mata, a farda branca camuflada para neve e a marrom/cinza para o deserto e ainda uma variedade de fardas para cada promoção, precisamos fazer com que o uniforme escolar tenha uma significância maior do que simplesmente uniformizar, isto é, que venha a contribuir (assim como a camuflagem contribui para o sucesso de uma operação) ao processo de evolução do sujeito no ambiente escolar.

Notoriamente que o uniforme não transcende o militarismo ou a camuflagem de diferenças sociais. Mas deve transcender, uma vez que a escola assume cada vez mais uma dimensão de criação e desenvolvimento de potencialidades para a vida em sociedade. Ora, a escola é lugar de questionamento e reflexão crítica sobre as instituições criadoras do uniforme, e enquanto tal deve sim criar, ou melhor, recriar o seu significado. Escola deve ser o lugar onde se ensina e se aprende a reconstruir e resignificar a realidade, inclusive o uniforme.

Direcionemos nosso alhar além do obvio. É preciso não apenas olhar para o uniforme, mas vê-lo, para ai sim transpormos a ele a importância que merece. E não falamos apenas em valor estético, discutamos seu significado quanto parte de um todo que é o ser humano em sua essência de constante formação. Neste sentido é que Fayga argumenta sobre a especificidade do ser humano:

Não se pode perder de vista que cada pessoa constitui um ser individual, ser in-divisível em sua personalidade e na combinação única de suas potencialidades. Pensar na maioria dos homens somente como “massa” (palavra derivada do grego *máza*, amassar pão), como algo desprovido de espinha dorsal, algo passivo a ser moldado por pressões e condicionamentos “massificantes”, não condiz com o ideal humanista, de respeito por potencialidades especificamente humanas (OSTROWER, 2010, p. 147).

É nessa perspectiva que propomos o novo modelo de uniforme. A unidade, que está na base de todo uniforme, será aqui entendido não como um empecilho ao desenvolvimento do indivíduo em sua singularidade, mas antes o de partida desse processo, isto é, o uniforme possibilitará, no ambiente escolar, o multiforme.

A questão do ensino-aprendizagem não se atem apenas a discussão didática e pedagógica, o que por sinal deveria ser revisto, reanalisado uma vez que a evolução é constante. No entanto foquemos o uniforme, para que ele seja analisado e discutido com o mesmo critério dos livros didáticos. Além do que essa dedicação remeterá ao aluno uma satisfação cultural para seu agir criativo. Fayga exemplifica ao dizer que:

As influências culturais existem sempre. Não há por que opô-las à espontaneidade criativa, como se o fato em si, e não o tipo de influências, impedisse o agir espontâneo. Tampouco cabe identificar a espontaneidade como uma originalidade imaculada por influências e vínculos, como um comportamento sem compromisso, uma espécie de partogênese a dar-se em cada momento da vida (OSTROWER, 2010, p. 147).

A real intenção é criar um uniforme que não mais sirva como bloqueio para nossos estudantes, mas que aflore sua espontaneidade, o que necessariamente não significa estarem livres de influências pois isto é de veras impossível. “Ser espontâneo apenas significa ser coerente consigo mesmo”(OSTROWER, 2010,p.147). Deste modo permitiremos uma aproximação maior do aluno à instituição de ensino. Logo entende-se que a satisfação do ser, faz com que ele produza com mais felicidade, além de que possa interagir e participar do mesmo.

Nesta concepção a moda aliada à arte, vem de encontro a uma transformação no uniforme escolar. Não falemos em desenvolvimento de um produto efêmero, nem ne utilização de grandes tecnologias ou ainda em tendências. Discutamos aqui a elaboração de um aparato da indumentaria que acompanha o ser humano em sua evolução quanto

indivíduo da sociedade. Gilles Lipovetsky em seu livro “O império do efêmero” faz uma ressalva a generalização da vestimenta:

A significação social da igualdade destruiu a ideia de que os seres eram fundamentalmente erogêneos; ela esta na base da representação do povo soberano e do sufrágio universal, contribuiu para a emancipar as mulheres, para desestabilizar os papéis, estatutos e identidades. No entanto, não conseguiu desarraigar a “vontade” dos sexos de manifestar pelos signos frívolos suas diferenças (LIPOVETSKY, 2011, p.160)

Não podemos manter a ideia primitiva do uniforme, deste modo a concepção de tradição de uniformizar acaba por padronizar não só os alunos bem como suas ideias sobre o sistema de ensino. O aluno precisa permitir-se estar no contexto escolar, não ser obrigado a mudar sua essência para fazer parte deste grupo. Está mais do que na hora de reformularmos essa premissa de que o uniforme é apenas um detalhe. Para isso Lipovetsky fala das formas tradicionais de vestimenta e do ser, com a seguinte argumentação:

Ainda que certas formas tradicionais se perpetuem, a adaptação e a inovação alteram por toda parte a permanência ancestral, as tradições se reclinam no registro da abertura, da criatividade institucional e individual. O espírito da tradição esta coletivamente morto, é o presente que comanda nossa relação com o passado, desde só conservamos o que nos “convém”, o que não está em contradição flagrante com os valores modernos, com os gostos e a consciência pessoais. (...) As tradições perderam sua autoridade e legitimidade incontestes, a unidade individual, soberana e autônoma, é que é primeira, mais nenhuma regra coletiva tem valor em si se não é expressamente admitida pela vontade do indivíduo (2011, p. 317).

Partindo deste pressuposto a transformação é necessária pois além de uma instituição de ensino-aprendizagem bem estruturada, com ótimos professores e corpo docente, precisamos de alunos que deveras aprendam, reformulem, que de fato façam uso do conhecimento. Mas para isso precisamos permitir-lhes além do que, serem livres. “Ser livre significa compreender, no sentido mais lúcido e amplo que a palavra pode ter. Significa um entendimento de si, uma aceitação em si da necessidade da existência em termos limitados” (OSTROWER, 2010, p. 165) .

Atentamos para a reformulação do uniforme escolar como material didático. Essa nova conceituação de uniforme abordará as temáticas escolares, seguindo a arte e a moda como eixos norteadores de sua concepção. Tratemos o uniforme como um projeto

de transcende a indumentária. Eis que propomos um grande passo para as redes de ensino, embora pareça desnecessária a discussão e reelaboração do mesmo, então assim como um artista daremos sequencia à proposta de moldagem e formulação do nosso companheiro diário- uniforme escolar. Para isso vamos analisar o que Alencar nos fala sobre transformação:

(...) Assim, da mesma forma que um bloco de mármore é transformado numa estátua pelo escultor, o barro em um dado objeto pelo ceramista, é necessária a transformação da informação disponível em novas ideias, fazendo-se as adaptações e alterações necessárias, acrescentando-se onde estiver faltando, eliminando-se onde estiver sobrando (ALENCAR, 2009, p. 44)

O novo uniforme escolar contemplaria além da necessidade básica de cobrir o corpo, identificar os alunos e aniquilar as diferenças sociais econômicas a construção do conhecimento. Propomos a remodelagem das camisetas uniformes, com uma modelagem mais atual, que não contemple o corte reto, mas ofereça conforto, praticidade, atendendo a necessidade do aluno em aproximação das indumentárias cotidianas. Pois atentamos para a peça chave do uniforme que foca a camiseta que - a camiseta de hoje, não sege a mesma modelagem de sua criação - foi remodelada, seguindo as aspirais da moda.

Assim a camiseta do uniforme escolar, depois da escolha do material - tecido, que supra as necessidades do aluno, tendo em vista atividades físicas e ergonômicas -, modelagem, acolheria frases de grandes poetas, obras de grandes artistas, equações matemáticas, físicas, questões filosóficas, formulas químicas, biológicas, geografias, e história. A camiseta será entendida aqui como uma folha em branco pronta para ser preenchida de a favor do conhecimento. Assim como os terceiros anos do ensino médio fazem a camiseta da turma com gozo de usá-la, por que salvas algumas, possuem frases grandiosas, conceitos inteligentes que os ligam ao contexto escolar que vivem no momento. O uniforme passará a ser aliado do conhecimento, instituição de ensino e do aluno.

Assim de “cara” nova o uniforme atenderá o aluno em alto estilo, não pelo custo- beneficio mas pela autenticidade e aproximação do ser. Tornando a escola um ambiente satisfatório e próximo da realidade do aluno quanto ser social. Contreras ao falar da questão do conhecimento aliado a novas ações fundamenta dizendo: “(...) o conhecimento não se aplica à ação, mas está tacitamente personificado nela. Por isso é

um conhecimento na ação” (CONTRERAS, 2002, p. 107). Deverás esta ação vem de encontro a personificação do ensino-aprendizagem do século XXI, desmistificando a ideia de um ensino atrofiado e metódico, enraizado no passado.

3.1 CORES E TENDÊNCIAS, SUA PSICOLOGIA NA UNIFORMIZAÇÃO ESCOLAR

“O vermelho vivo atrai e irrita o olho como chama que o homem contempla irresistivelmente.
 O amarelo limão berrante, depois de certo tempo fere o olho, com o som agudo de um clarim perfura os tímpanos.
 O olho pisca, não consegue suportar e vai mergulhar nas calmas profundezas do azul ou do verde do mar.
 Wassily Kandinsky (ARRUDA e VENTRELLA, 2002, p. 79).

Começamos por entender o corpo humano, como ele reage e distingue as cores. Uma vez que o olho humano é capaz de distinguir cerca de 350.000 cores diferentes, ainda que não tenhamos nome para todas elas. Sue faz uma ressalva a tentativa de definição e nomenclatura das cores.

Foram desenvolvidos vários sistemas para tentar definir a cor cientificamente. O primeiro foi delineado pelo físico inglês Isaac Newton, em 1666, quando ele descobriu que todas as cores estavam presentes na luz natural e podiam ser separadas ao se passar a luz através de um prisma. Ele identificou as cores do espectro- as sete cores prismáticas: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, índigo e violeta. Ele acreditava que estas sete cores podiam ser relacionadas à escala musical, sugerindo “tons” e “harmonias”, e desde então a cor é frequentemente tratada em termos musicais (JONES, 2005, p. 113).

Essa frequência musical da cor, exerce sobre o ser humano influências humorísticas e psicológicas. Cada cor possui sua influência sobre o ser, como exemplifica Sue, ao falar da cor na concepção do produto de moda.

As pessoas reagem intuitivamente, emocionalmente e até fisicamente às cores. Foi demonstrado que os azuis e os verdes - as cores do céu e da grama - diminuem a pressão sanguínea, enquanto o vermelho e outras cores intensas podem acelerar os batimentos cardíacos. O branco pode fazer sentir frio; o amarelo é uma cor solar, amigável; cinza pode ser profissional ou deprimente. O “pretinho básico” denota satisfação e elegância, enquanto o vestido vermelho simboliza sensualidade e diversão. Pessoas criadas em um ambiente urbano reagirão a uma paleta de cores diferentemente daquelas que vivem em comunidades rurais. Uma mesma cor pode parecer diferente ou inadequada em diversas condições ambientais ou iluminação – por exemplo, em um dia cinzento ou sob a luz fluorescente de uma loja (JONES, 2005, p. 112).

De acordo com a psicologia das cores, devemos levar em conta mais esta questão para concepção de um novo uniforme escolar, uma vez que este por si só já gera influências sobre o aluno. Logo, em sua maioria as camisetas dos uniformes são brancas, cor que na verdade é uma não cor, enfim como mencionou Sue anteriormente o branco pode remeter ao sentimento de frio, entendamos assim que precisaríamos adotar uma cor que remeta ao aconchego, quiçá um amarelo.

É muito interessante citar como Baldini define que a moda atual não pode ser definida:

(...) já não existe uma moda, ma, muitas modas, diferentes e contrastantes. Aliás há que defenda que a moda foi derrubada pelos estilos e quem diga que os consumidores se movem agora no interior de um autêntico supermercado de tendências. Se no século XVIII e XIX era muito fácil saber o que era *in* e o que era *out* em termos de moda, hoje é absolutamente impossível (BALDINI, 2006, p. 56)

Mas ainda ao falar de tendências , para que possamos utilizá-la ou não, sermos adeptos ou repulsivos a ela. Precisamos entender, o que é tendência? Para melhor compreendermos, buscamos no Dicionário da língua portuguesa a definição da mesma: “Tendência: disposição natural e instintiva; inclinação, vocação, forma espontânea da atividade. Força que determina o movimento de um objeto”.(MICHAELIS, 2008, p.852). Assim a tendência é o que faz girar o mundo da moda, o nosso mundo. O mundo necessita de mudanças, novas releituras, do contrário viveríamos a mercê do caos da mesmice.

No entanto tem se usado no mundo da moda, a terminologia “nascimento e morte de tendências”. Uma vez que nunca se ouviu falar tanto em novas tendências. No livro “As espirais da moda” Françoise fala sobre a alquimias das tendências:

O primeiro polo – alquimia das tendências - mostrava como a memória social e os fatos da sociedade contemporânea se traduzem na metáfora vanguardista do inesperado ou então na modulação clássica. (VINCENT-RICARD, 1989, p. 225).

Assim compreendemos que, ainda que não façamos do uniforme escolar objeto de modismo – nem é nosso intuito fazer isso – as tendências são necessárias a construção de um novo uniforme escolar. Assim as cores e tendências serão de suma importância para o sucesso dessa reformulação. Trabalhando além da questão ergonômica, cultural, mas também a questão psicológica do uniforme escolar. Sendo que por meio destes o aluno se realizará quanto ser integrante da instituição de ensino-aprendizagem, contribuinte da construção da história da humanidade e ainda, da sua história. Sem que haja rupturas no seu psicológico e social, pois o uniforme escolar contemplará a sede de sua liberdade, espontaneidade e autoconhecimento cultural e social.

4 PROCESSO CRIATIVO DO UNIFORME

Não se mede o valor de um homem pelas suas roupas ou pelos bens que possui; o verdadeiro valor de um homem é o seu caráter, suas ideias e a nobreza de seus ideais.
Charles Chaplin

Chegamos ao ápice de nossa proposta, a concepção e desenvolvimento de um novo uniforme escolar, que venha a preencher todas estas lacunas entre, o estudante e seu eu, sua instituição de ensino, e a contribuição para construção de seu saber. A contextualização histórica do uniforme faz referência à contextualização da evolução do ser humano integrante da sociedade. Desde a origem aos dias atuais o uniforme escolar por ser vestimenta padrão, deveras pouco ou nada deu atenção às necessidades e desejos de seus usuários, quanto forma, modelo, cor e materiais empregados à concepção do mesmo.

Assim o trajeto percorrido para o desenvolvimento desta pesquisa nos mostrou que a imposição institucional do uniforme referenciado pelas fardas militares vai abrando até chegar às *t-shirts*, mostrando ainda que peculiarmente, que é um processo vivo. Sujeitando-se a ruptura de paradigmas morais/culturais, para inserção na contemporaneidade da escola em desenvolvimento do século XXI.

Primamos assim pela proposta de criação de um novo uniforme escolar, que sane esse anseio contemporâneo de exacerbação do ser, em formação constante. O que requer uma série de estudos, mas em síntese apresentaremos uma breve proposta de sua nova reformulação.

4.1 PÚBLICO ALVO

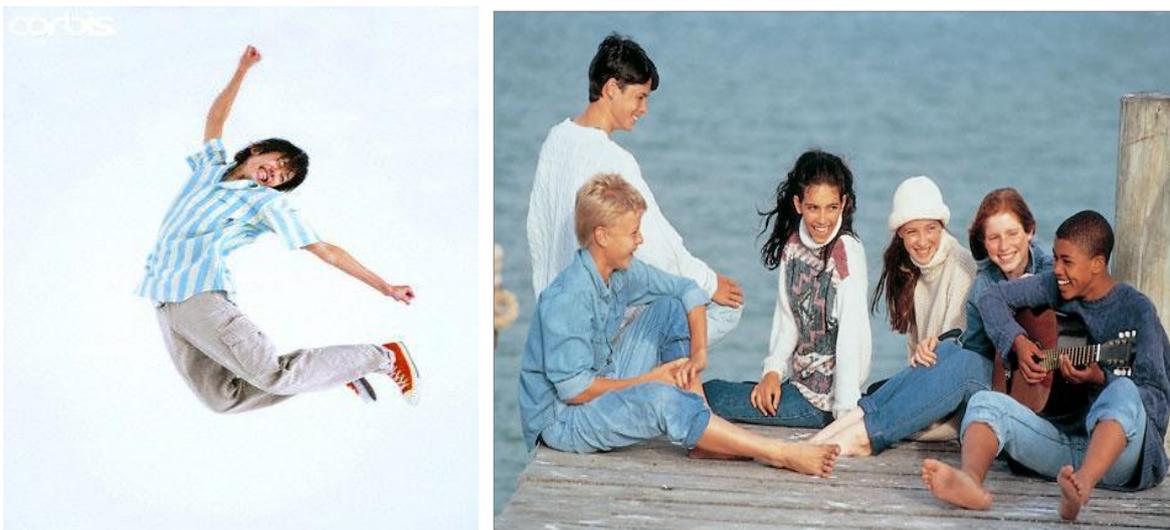
Crianças e adolescente entre 06 à 17 anos de idade, estudantes do ensino básico. De escolas públicas de Santa Catarina.



FONTE: Programas de intercâmbio para crianças e adolescentes da CISV.

4.2 INSPIRAÇÃO

Uma vez que imersos no universo escolar, atentamos para a insatisfação do aluno para com o uso do seu uniforme escolar. Assim o foco de inspiração passou a ser o próprio aluno em si, independente da fase que vive. Busquemos assim a liberdade do ser e construção do conhecimento.



FONTE: TEEN-ADOLESCER. Blogpost sobre adolescência

4.3 PROCESSO PRODUTIVO DO UNIFORME

▲ Ergonomia

Primar pela adaptação anatômica do uniforme ao corpo de nosso público consumidor. Sendo que esta não é nossa única preocupação, uma vez que o mesmo necessita de um meticolosos aperfeiçoamentos na qualidade e conforto dos produtos têxteis. O que para Lida é algo indispensável, pois exige mais do que a concepção do produto, mas o estudo do mesmo no que se refere:

Qualidade ergonômica inclui a facilidade de manuseio, adaptação antropométrica, o fornecimento claro de informações, as compatibilidades os movimentos e de mais itens de conforto e segurança. Qualidade Estética é onde envolve as combinações de formas, cores e uso de materiais, texturas e cores, para que os produtos sejam visualmente agradáveis (1990, p. 17).

▲ Seleção da matéria-prima

Como já mencionamos a seleção da matéria-prima para o desenvolvimento de um uniforme escolar que atenda às necessidades do aluno é de suma importância, o que afirma Treptow, “é importante que o designer conheça as características dos tecidos, suas classificações e suas propriedades de caimento e adequação” (TREPTOW, 2003, p. 115). Deste modo optamos pela malha 100% algodão. Uma vez que esta possui maior durabilidade, caimento e conforto para o cliente.

▲ Modelagem e encaixe

A modelagem e encaixe que levaria horas, por ser manual, hoje leva apenas minutos devido às tecnologias de programas como “*audaces*”, que possibilita a modelagem e encaixe por enfiado. Segundo Barreto (1997) que faz todo trabalho de modelagem, criação de moldes, modificações, ampliações e reduções.

▲ Estamparia

Segundo Mello e Castro (1987) o conceito estamparia é o processo que tem por finalidade imprimir motivos ou desenhos coloridos nos tecidos ou peças confeccionadas, a qual terá como padronagem motivos do cotidiano escolar, como já mencionados anteriormente, temas artísticos, filosóficos, históricos, matemáticos, entre outros. Contemplando assim todas as disciplinas escolares.

A técnica de estamparia utilizada será *Allover*: uma única estampa para uma determinada área do produto (sem repetições). Sendo esta motivos decorrentes das disciplinas atreladas a Proposta Curricular de Santa Catarina.

▲ Processo produtivo da camiseta

O processo produtivo da camiseta dentro de uma fábrica divide-se em partes, sendo elas: modelagem e encaixe, corte, estamparia, confecção ou linha de produção, e acabamento. Segundo Barreto (1997) é o processo de produção como sendo lugar onde as peças cortadas no corte, se reúnem de forma ordenada e são montadas em máquinas de costura, normalmente é a parte da empresa onde são colocadas o maior número de funcionários.

▲ Sequência operacional da camiseta

OPERAÇÕES	Nº DE OPERAÇÕES	MÁQUINAS
1. Fechar gola	01	Overlock
2. Unir o ombro	02	Overlock
3. Pregar manga	02	Overlock
4. Fechar lateral	02	Overlock
5. Colocar gola/etiqueta	01	Overlock
6. Barra manga	02	Galoneira
7. Barra da camiseta	01	Galoneira
8. Acabamento da gola	01	Galoneira
9. Tirar fio	01	Acabamento
10. Passar	01	Acabamento

5 METODOLOGIA

Metodologia significa o estudo dos caminhos, de meios de uma teoria, assim para Demo (1981), ao falar de metodologia, busca-se analisar a forma de se estruturar o conhecimento que pretende ser reconhecido como científico.

É importante salientar que a pesquisa não é um trabalho mecânico, pois requer um pensamento reflexivo, dialético, estruturado e alicerçado por fundamentações teóricas, formada pelo referencial teórico, autores escolhidos que discutem o tema e apoiam teses ou formulações de novos aspectos do tema a ser investigado. Vejamos a contribuição de Bacon (1620)

A compreensão humana não é um exame desinteressado, mas recebe infusões da vontade e dos afetos; disso se originam ciências que podem ser chamadas “ciências conforme a nossa vontade”. Pois um homem acredita mais facilmente no que gostaria que fosse verdade. Assim, ele rejeita coisas difíceis pela impaciência de pesquisar. (BACON apud COSTA, 2006, p.19).

A metodologia de nossa pesquisa ocorreu na pesquisa bibliográfica de autores, e é claro em nossa própria experiência docente, quando esta vem a corroborar no interesse da pesquisa.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Toda pesquisa carrega em si o desejo de estudar a realidade, por mais objetivo que possa parecer há sempre a necessidade de exploração e investigação tendo como um suporte metodológico que indique os passos e resultados teóricos e práticos.

Neste estudo, que tem como foco a investigação de uma realidade do ensino, indicativa em questão da área do uniforme escolar conhecimento, optando-se pela abordagem qualitativa, por se mostrar como método adequado que interfere na compreensão do tema pesquisado.

As principais características do método qualitativo são a emersão do pesquisador no contexto e a perspectiva interpretativa da conclusão da pesquisa. Assim, justifica-se a escolha deste método, pois a atuação da pesquisadora é intrínseca ao

desenvolvimento dessa pesquisa uma vez que se desafiou na criação e desenvolvimento de um novo uniforme escolar.

Como pesquisa descritiva, a abordagem qualitativa descreve, expressa os resultados contidos nas análises dos dados coletados, como bem define (Costa, 2006, p. 91) “a descrição refere-se ao que é percebido”. Assim, esta abordagem busca traçar um perfil do público-alvo do uniforme escolar, percebendo os assuntos mais relevantes e de maior interesse que determinam o sucesso dessa nova proposta de criação.

Abordagens qualitativas em pesquisas são aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tidas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas e significativas (MINAYO, apud COSTA, 2006, p. 93).

Esse tipo de abordagem é considerado dentro da metodologia um “grande guarda-chuva”, onde é possível identificar uma gama de técnicas e procedimentos interpretativos que procuram essencialmente descrever. Assim sendo a pesquisa bibliográfica foi tida como metodologia norteadora da presente pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise aqui realizada, conclui-se que o uniforme escolar é uma ferramenta eficaz no sistema de ensino como realizador de um projeto. Temos quase todas as evidências de que o uniforme tem sido um mecanismo de reprodução ideológica que deveria ser alheio à escola, e por isto propomos a re-significação do uniforme, também como símbolo da re-significação da própria escola.

O problema da ressignificação do uniforme não se pretende ser o mais urgente, mas poderá contribuir decisivamente na reestruturação da escola. Deste modo reformular o prognóstico de defasagem do ensino, implementando as redes de ensino um aluno participativo e o mais importante, criativo – atuante.

Concluimos ainda que se discorram varias teses a cerca do uniforme escolar, este será constantemente um assunto que deverás virá átona, necessitando de uma nova abordagem social, cultural contextualizada ao ser atuante em seu tempo. Assim a objetivação maior desta pesquisa, não é a aceitação da proposta aqui descrita do novo uniforme escolar, mas da reflexão sobre a sua importância quanto agente atuante do processo ensino-aprendizagem que exerce influências sobre o ser em constante formação.

Deste modo finalizamos com a ânsia de uma pesquisa mais aprofundada à cerca desta temática. O que resultara posteriormente na complementação deste, para concepção, talvez, dessa idealização de uniforme, para uma escola viva e atuante do século XXI.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Eunice Soriano de. **Como desenvolver o potencial criador** – Um guia para a liberação da criatividade em sala de aula. 11ª ed. Editora Vozes. Petrópolis, 2009.
- ARAÚJO, Mário de; MELO e CASTRO, E. M. **Manual de engenharia têxtil**. Vol.II Fundação Calouste Gulbenkian – Lisboa, 1987.
- AZEVEDO, Daniela Vasconcelos de. **Femina**. 31ª ed. São Paulo, 2003.
- BALDINI, Massimo. Invenção da moda. Arte e Comunicação. Lisboa, 2006.
- BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. Editora Rocco. Rio de Janeiro, 2003.
- BARRETO, Antônio Amaro Menezes. **Qualidade e Produtividade na Indústria da Confeção**. 1ª ed. Londrina: Midiograf, 1997.
- CARMO, Elio do. **Transtorno na Adolescência**. Disponível em: <http://www.contosdeluz.com.br/2012/10/transtorno-na-adolescencia/>. Acesso : 05 out. 2012 às h 09:00
- COBRA, Marcos. **Marketing e Moda**- Editora Senac São Paulo; Cobra Editora e Marketing,2007.
- CONTRERAS, José. **A Autonomia do Professor**. Editora Cortez São Paulo, 2002.
- CORAZZA, Sandra Mara. **Revista Pedagógica**. p. 54, Artmed. Porto Alegre nov.2003/ jan. 2004.
- COSTA, Arlindo. **Metodologia científica**. Editora Nordeste. Mafra, 2006.
- CRAIK, Jennifer, **Fashion Theory** (Edição Brasileira). Editora Anhembi Morumbi. São Paulo, 2003.
- DEMO, P. **Universidade, aprendizagem e avaliação**. Mediação. Porto Alegre, 2004.
- FEITOSA, Charles. **Explicando a Filosofia com Arte** – 2º ed. Ilustrada. Rio de Janeiro: Ediouro Multimídia, 2009.

FERRY, Luc. **Aprender a Viver**. Trad. Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. 5ª ed. Graal, Rio de Janeiro, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. 28ª ed. Editora Vozes, Petrópolis, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem & modas de mulher**. 2ª ed. Record. Rio de Janeiro, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Editora Paz e Terra. São Paulo, 1997.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (ORG.) **Teoria e Educação no Labirinto do Capital**. Editora Vozes. Petrópolis, 2002.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa em Educação – Métodos e Epistemologias**. 2ª ed. Editora Argos. 2012.

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. 6ª ed. Civilizações Brasileiras. Rio de Janeiro, 1988.

JONES, Sue Jenkyn. **Fashion Design – Manual do Estilista**. Editora Cosacnaify. São Paulo, 2005.

KUENZER, A. Z. (Org.) **Ensino Médio- Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 3ª ed. Editora Cortez. São Paulo, 2002.

LIDA, Itiro. **Ergonomia: Projeto e Produção**. São Paulo; Edgard Blücher, 1990. 9ª ed. Reimpressão 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**. 2ª ed. Editora Schwarcz LTDA. São Paulo, 2011.

LONZA, Furio. **História do Uniforme Escolar no Brasil**. Ministério da Cultura. Brasília-DF, 2005.

MICHAELIS. **Dicionário prático da língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos LTDA. São Paulo, 2008.

MARX, K. **Os pensadores**. Abril Cultural. São Paulo, 1974.

NÓVOA, A. **Os professores e sua formação**. Editora Dom Quixote. Lisboa, 1995.

OLIVEIRA, Ana Cláudia de; CASTILHO, Kathia. **Corpo e Moda**. Estação das letras e cores. Barueri, 2008.

OLIVEIRA, Silvio Luis de. **Trabalho de metodologia científica**. Pioneira. São Paulo, 1997.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 25ª ed. Editora Vozes. São Paulo, 2010.

PAIVA, J; OLIVEIRA, I. B. **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2002.

PALOMINO, Érika. **A Moda**. São Paulo, Publifolha, 2003.

PROGRAMAS DE INTERCÂMBIO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES DA CISV. Disponível em: <http://www.viajandoblog.com/post/1602/programas-de-intercambio-para-criancas-e-adolescentes-da-cisv>. Acesso: 27 out. 2012 às h08:00

SANTA CATARINA, Secretária de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Temas Multidisciplinares. Florianópolis: COGEN,1998.

_____. Secretária de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Formação docente para educação infantil e séries iniciais. Florianópolis: COGEN,1998.

SILVA, Nogueira Katiene da. **“Criança Calçada, Criança Sadia!”**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2006.

SOLOMON, Michael R. **Comportamento do consumidor Comprando**. 5ª ed. Porto Alegre, 2002.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte & DURAND, Olga C. **Experiências Educativas Juvenis:** entre a escola e os grupos culturais. Núcleo de estudos da infância e juventude. In: *Perspectivas: Revista do Centro de Ciências da Educação. Periódicos*, v. 20, p. 163, jul./dez., 2002.

STIEGLER, Bernard. **Reflexões (“não”) contemporâneas;** Maria Beatriz de Medeiros (org. e trad) – Chapecó: Argos, 2007.

TEEN-ADOLESCER. **Blogpost sobre adolescência.** Disponível em: <http://teen-adolescercer.blogspot.com.br/2010/09/adolescencia.html>. Acesso: 27 set. 2012 às h 13:30

TREPTOW, Doris. **Inventando Moda: planejamento de Coleção.** Brusque, 2003.

VENTRELLA, Roseli. **Projeto Político-Pedagógico: uma construção possível.** 19^a ed. Papirus. Campinas, 2005.

VINCENT-RICARD, Françoise. **As Espirais da Moda.** 3^a ed. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1989.

ZENGA, Luis Carlos. **Clipping da moda.** Edição mensal nº 78, Abril, 2004.